

BIOGRAFIAS E AUTOBIOGRAFIAS: A CONSTRUÇÃO DE SI

*Priscila Miraz de Freitas Grecco*¹

RESUMO

O texto aborda de maneira sucinta a discussão sobre a escrita das biografias e autobiografias, as novas fontes e objetos que propõe à História, assim como as dificuldades que comportam. O ponto central da análise é a construção de uma identidade linear a partir um processo de subjetivação composto por um conjunto de práticas estabelecidas como produção de si, que podem ser diretas (diários, confissões), e indiretas (cartas, fotografias), mas sempre com o objetivo de conferir coesão, linearidade a vida que se fragmenta no social. **Palavras-chave:** Biografia, Subjetivação, Construção, Identidade, Autor.

ABSTRACT

This text has as development a discussion about the biography and autobiography writing that proposes to History new sources and objects, as well as it points to the difficulties that it contains. The main question of this analysis is the construction of a linear identity derived from a subjectivation process, which consist in set of practices established as self production. This practices can appears in a direct way (diary, confessions) or in an indirect way (letters, pictures) and it has ever the intention to be straight and consistent to the individual life that breaks up in social life. **Key words:** Biography, Subjectivation, Construction, Identity, Author.

Pressupor que uma vida é uma história e se propor a contá-la de maneira coerente, é o que está na base de todo relato biográfico ou autobiográfico. Bourdieu nos fala de uma teoria do relato. Uma história bem contada necessita de unidade, de constância, de uma ordenação que se entenda, pois o que se pretende, o que está na base do interesse pelas biografias é exatamente sua idéia (sua promessa) de totalidade, sua preocupação com o sentido, com a lógica, com a seqüência cronológica, a ilusão da linearidade, do começo, meio e fim; todo um esforço que se concentra na busca de veracidade para o que se conta. Em nome dessa totalização, montamos a vida, conectamos os fatos, damos maior ou menor importância a determinados acontecimentos conforme o que desejamos que permaneça, conforme a mudança de uma fase para outra necessite de sentido. A busca de uma prova de que sua existência é única, singular. Construção de uma identidade. Necessidade de reconhecimento por si próprio e pela sociedade. Um meio de resistência. Um processo de subjetivação.

¹ Graduada em História – UNESP/Assis; docente da rede pública de ensino do estado de São Paulo.

Esse processo de subjetivação é composto por um conjunto de práticas estabelecidas como produção de si, que comporta desde produções mais diretas, mais objetivas nesse sentido, como um diário, a autobiografia, a confissão, como as práticas mais indiretas que dão corpo a uma produção de memória de si, que materializam essa memória, como cartas (não só as recebidas, mais os rascunhos das que foram enviadas), cartões postais, fotografias, enfim, tudo o que possa ser guardado, arquivado, registrado como prova de existência, que dê àquela vida e ao mundo em que está, determinado significado; "Confesso que vivi – memórias". [2]²

O que se tem aqui, como ponto central, é a construção de uma identidade através de seus próprios documentos, de seu próprio testemunho (onde a identidade do autor e do texto são criados simultaneamente pela escrita de si), através de determinadas práticas culturais que ganharam essa especificidade com o advento do individualismo moderno. Segundo Ângela de Castro Gomes, as sociedades modernas são individualistas por terem em sua base um contrato político-social que reconhece os indivíduos como iguais e livres, uma formulação paradoxal, que impõe a existência simultânea de princípios concorrentes: igualdade do sujeito, a necessidade de equidade moral e política formando o indivíduo "abstrato"; o princípio de liberdade que guarda a singularidade, mas que também é múltiplo, pois desempenha papéis sociais distintos e nem sempre concordantes. Dessa maneira, temos um indivíduo formado pela unidade (identidade com "célula única e indivisível"), e pela multiplicidade que se fragmenta no social. Seria assim, esse confronto, essa coexistência da lógica do indivíduo linear e a fragmentação, o desordenamento de suas experiências, um fator de tensão e formador desse indivíduo moderno.

Bourdieu apresenta como significativo o surgimento de uma nova literatura, que abandona a linearidade, coincidindo com o entendimento de vida e de história, como algo descontínuo, como uma justaposição ao acaso, de elementos singulares e de difícil apreensão, pela impossibilidade de prevê-los, pois são o fugaz, o acidental,³ o que se fragmenta em intermináveis manifestações. Seria, no entanto, impossível contar a história de uma vida, sem um esforço para unificá-la, para totalizá-la, para dominar o tempo, ordená-lo, já que possui ritmos diferentes, se diferenciando em diacronia e sincronia. Nesse sentido, existem os mecanismos sociais, incentivando a formação dessa unidade através do que Foucault chamou de "adestramento de si". Justamente pelo indivíduo moderno ser descontínuo, fragmentado, que essas práticas culturais de construção de si, que favorecem a lógica da continuidade, dando ordenamento ao caos do cotidiano, certa clareza ao vivido, são possíveis, são antes desejadas e abundantemente executadas.

Dentre os mecanismos que institucionalizam a unificação do eu, que o colocam como "célula indivisível", encontramos o nome próprio. É o nome

² Título dado às memórias de Pablo Neruda; NERUDA, Pablo. *Confesso que vivi – memórias*. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.

³ ROBBE-GRILLET, A. *Le minoir qui revient*. Paris: Minuit, p.208; citado por Bourdieu, e também lembrado aqui por seu trabalho de roteirista no filme de Alain Resnais, *O ano passado em Marienbad*, de 1961.

próprio que dá constância ao indivíduo, garante sua singularidade em qualquer campo que ele venha a intervir, em todas as possíveis fragmentações que possam lhe ocorrer quando age no social. Sendo assim, válido para todas as ocasiões, institucionalizado, o nome próprio é descontextualizado, algo independente do tempo e do espaço, fora da história, elevando o indivíduo acima das mudanças,⁴ sempre indiferente às particularidades, ao circunstancial, dando-lhe constância na sua identidade consigo mesmo, constância exigida pelo social, que identifica aí, a normalidade. Esse seu caráter "transcendente", sua existência como base do que chamamos de estado civil, nos dá a possibilidade de rastrear esse nome pelos registros institucionais, de identificar a existência social do indivíduo, sua "descrição oficial" através dos tempos.⁵

Outro elemento importante a ser destacado neste contexto é a noção de verdade. Numa sociedade cindida, tensa na convivência entre unidade objetiva e fragmentação "subjetiva", está claro que a noção de verdade também passaria pelo mesmo movimento. Torna-se ela também múltipla e fragmentada, como o são os indivíduos e suas memórias. A verdade no plural terá grande vínculo com o subjetivo do indivíduo, expressando assim a sinceridade, fugindo do controle absoluto. Essa idéia de verdade/sinceridade irá juntar-se com o interesse que se desenvolve nas sociedades modernas, com relação ao indivíduo e a práticas de produção de si que já existiam, como o diário.

Podemos usar, como exemplo, os *Diários Íntimos*, de Baudelaire,⁶ escritos entre 1859 e 1866. Seguem as características que Gomes aponta como próprias dos registros dos indivíduos modernos: às vezes subjetivos e bastante fragmentados. São trechos, anotações que não aparecem datadas (com apenas uma exceção), somente uma frase, a mesma em quase todos os fragmentos: Meu coração desnudado. Esse título foi proposto por Poe em *Marginalia*: se algum ambicioso quiser revolucionar o pensamento humano, que escreva e publique um pequeno livro, de título simples, Meu coração desnudado (*My Heart Laid Bare*), onde realize verdadeiramente o que propõe o título, apesar de toda dificuldade aí existente. Um diário onde fosse possível dizer de si somente através da sinceridade. Esse pequeno título traz, ainda, outro ponto importante: o coração, que passa a simbolizar o profundo, o verdadeiro, propondo intimidade. No entanto (e a dificuldade de que fala Poe se remete a isso), como todas as formas de produção de si, a intimidade e a sinceridade também estão sujeitas a serem codificadas para serem aceitas socialmente. É através da escrita de si que se opera uma tentativa de equilíbrio

⁴ Cabe aqui ressaltar a similaridade dessa descontextualização do nome próprio com a que ocorre com o discurso nacional, algo válido para todos os tempos, por isso fora do tempo e da história, residindo aí a sua força, sua validade como agente aglutinador, como semióforo.

⁵ Assim foi possível a descoberta dos "poemas-vida" de Foucault; FOUCAULT, Michel. *A vida dos homens infames*. In: _____. *O que é um autor?* Trad. António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Verga, Passagens, 1992, p. 93.

⁶ BAUDELAIRE, Charles. *Diários Íntimos*. Trad. José Pedro Díaz. Buenos Aires: Editorial Galerma, Charcas, 1977.

entre a expressão do autor e sua contenção, visível na distância proposta entre o personagem e o autor.

Essa discussão, aqui abordada de maneira sucinta, trouxe para História a possibilidade de trabalhar com outras fontes, com outros objetos, assim como as dificuldades inerentes a elas, como a maneira de se abordar essas fontes, que metodologia usar, que critério de verdade histórica. Talvez o mais difícil dentro dessa questão seja a subjetividade da documentação, já que a escrita de si carrega consigo a subjetividade de quem a escreveu e, dessa forma, a verdade dada por esse autor. Como já foi dito, a produção de escrita de si busca dar testemunho, e através desse testemunho, do que diz na primeira pessoa, está a força, a prova da sua verdade, a autoridade sobre o que fala, usando de sinceridade, exprimindo sua singularidade. Sendo assim, o que passa a importar é a visão deixada naquele registro, a maneira de expressar essa visão usada pelo autor, não o fato de participar ou não de determinada verdade histórica.

No que diz respeito à relação do texto produzido pela escrita de si e seu autor, vale reafirmar o que já foi dito acima: essa escrita constrói, ao mesmo tempo, a identidade do autor e a do texto. É uma criação simultânea, que converge para uma outra idéia, a da não existência de um autor, mas de um "editor", que conforme ordena o trajeto de uma vida, o tempo dessa vida, constrói um autor e uma narrativa. Essa idéia é reforçada pelo uso que o indivíduo moderno fez da escrita de si. Dentre muitos, o principal foi o de autocontrole, de controle do tempo em busca de estabilidade, de permanência, de unidade. Pode-se dizer, assim, que apesar de não poder abrir mão da lógica, da racionalidade em sua "montagem", as biografias e autobiografias não são "rígidas", são antes formadas por tempos, por sutilezas, por sentimentos que burlam o previsível, o contável e que, na medida do possível, devem integrar o resultado final, no trabalho do historiador.

REFERÊNCIAS

- ARTIÈRES, P. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1988. P. 21.
- BAUDELAIRE, Charles. *Diários Íntimos*. Trad. José Pedro Díaz. Buenos Aires: Editorial Galerma/Charcas, 1977.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. FERREIRA, M; AMADO, J. *Usos e abusos da História Oral*, 2 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: _____. *O que é um autor?* Lisboa: Verga/Passagens, 1992.
- GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: *Escrita de si, Escrita da História*. Org. Ângela de Castro Gomes. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, s.d.

LUCA, Tânia Regina de. Relatos autobiográficos: possibilidades e perspectivas. *In: As múltiplas dimensões da política e da narrativa*. Orgs. Tereza Malatian, Mariza Saenz Leme, Ivan Aparecido Manoel. Programa de Pós-graduação em História UNESP- Campus de Franca.

NERUDA, Pablo. *Confesso que vivi* – memórias. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.

ROBBE-GRILLET, Allain. *Le minoir qui revient*. Paris: Minuit, s/d.
